



Hoje começam as discussões das cláusulas econômicas

A Campanha Nacional dos Bancários começa a entrar em fase decisiva e exige total mobilização e atenção da categoria. Hoje acontece a sétima rodada de negociação entre o Comando Nacional dos Bancários e a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos).

Na pauta, cláusulas econômicas, como reajuste salarial, PLR (Participação nos Lucros e Resultados), vales alimentação e refeição. Os bancários querem reposição da inflação do período entre 31 de agosto de 2021 e 1º de setembro de 2022 (INPC) mais 5% de ganho real nos salários e demais verbas. Também reivindicam manutenção da regra da PLR, atualizada pelo



índice de reajuste.

É hora de os bancos começarem a definir uma proposta para apresentar. A pauta pode ser perfeitamente atendida. Todo mundo sabe. Em 2021, momento mais crítico da pandemia de Covid-19, o lucro das organizações financeiras passou de R\$ 100 bilhões.

#BoraGanharEsseJogo

Ao Santander só o lucro interessa

A política de gestão do Santander é baseada na exploração. De olho no lucro, o banco assedia e adoce os funcionários. Para se ter ideia, no primeiro semestre de 2022 o balanço chegou a R\$ 8,089 bilhões. Resultado que, na prática, foi bem maior, já que parte do dinheiro foi destinada à PDD (Provisão para Devedores Duvidosos).

A PDD cresceu 54,6% entre janeiro e junho deste ano. Em números, o Santander destinou R\$ 10,9 bilhões para cobrir possíveis calotes dos clientes. Por isso, o resulta-

do do primeiro semestre apresentou leve queda de 0,5% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Embora tenha aberto 1.980 postos de trabalho em seis meses, parte dos profissionais contratados é terceirizada, portanto sem os direitos assegurados pela Convenção Coletiva de Trabalho dos bancários e com salários menores.

O balanço do banco mostra ainda o fechamento de 327 agências e 105 postos de atendimentos nos 12 meses encerrados em junho.

Dia 11 tem protestos em defesa da democracia

O Brasil amarga as consequências da política neofacista de Bolsonaro, com desemprego recorde, aumento da miséria e inflação descontrolada. Para completar, o presidente constantemente faz claras ameaças à democracia e ao sistema eleitoral. Para chamar a atenção dos brasileiros, as centrais sindicais realizam um grande ato, no dia 11 de agosto.

Os participantes vão denunciar a política ultraliberal que elevou as desigualdades sociais com o aumento da fome – mais de 33 milhões de pessoas não têm o que comer no país atualmente, e a alta dos preços dos combustíveis e do gás.

Com as eleições, e uma iminente derrota, Bolsonaro faz chantagem golpista, afirmando que não reconhecerá o resultado das urnas. Por esta razão, se faz necessário ocupar as ruas, reafirmando a vontade popular. Os movimentos sociais e a sociedade civil conclamam a juventude, a classe trabalhadora, os excluídos e as vítimas da tragédia bolsonarista a ocupar as ruas.

Negociações com o BB

Por solicitação do Banco do Brasil, a mesa de negociação com a CEBB (Comissão de Empresa dos Funcionários), que ocorreria ontem foi reagendada para sexta-feira (05). Em pauta, as cláusulas sociais. Mas o debate desta quinta-feira (04) sobre teletrabalho está mantido. Na próxima terça-feira entram em discussão as demandas de saúde e condições de trabalho. O cronograma prevê ainda negociação sobre as cláusulas econômicas (12/08) e representação sindical (17/08).

Sindicato monitora atendimento no Bradesco

Depois de denunciar o Bradesco no Procon em Dourados, por atendimento discriminatório a clientes e usuários no que se refere ao atendimento nos caixas convencionais no interior das agências, nesta semana, os diretores do sindicato estão acompanhando in loco a prática do banco nas portas das duas agências em Dourados. Munidos de um panfleto com esclarecimentos aos clientes e usuários sobre o seu direito ao atendimento presencial, os diretores dialogam e orientam quais os procedimentos os mesmos devem adotar para fazer valer o que determina a lei e a resolução do Banco Central do Brasil.

Consumo de carne cai ao menor nível em 26 anos

A vida do brasileiro está cada dia mais difícil com a política ultraliberal de Jair Bolsonaro. Os preços altíssimos fizeram o consumo de carne bovina cair ao menor nível nos últimos 26 anos, com 24,8 quilos consumidos por cada pessoa neste ano. Os dados são da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento). A queda é reflexo da alta dos preços dos alimentos. Desde o começo da pandemia, o valor da carne subiu 42,6%, ultrapassando a inflação, que chegou a 19,4%, no mesmo período. Vale lembrar que no Brasil 33,1 milhões de pessoas passam fome.